

MANGUEZAIS

Os manguezais comuns às zonas litorâneas dos países tropicais e subtropicais, constituem as associações vegetais mais uniformes em suas características. Localizam-se não somente nas margens das enseadas e das lagoas sob a influência marítima, mas ainda, avultam, se alongam e se espraiam nos baixios dos estuários dos rios, penetrando, muitas vezes, grande trecho percorrido por estes ou seja, até onde chegue o fluxo das marés.

O naturalista SIEGFRIED DECKER, em sua obra Aspectos Biológicos da Flora Brasileira (São Leopoldo, R. G. do Sul, 1936) dedica todo um capítulo à descrição do principal gênero dessa espécie vegetal — o “mangue vermelho” (*Rhizophora mangle* LINN), gênero esse mais encontrado em nosso litoral. Denominando tal espécie pelo nome vulgar de “Mangue Verdadeiro”. A. J. DE SAMPAIO em seu muito consultado livro Fitogeografia do Brasil (Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1934), nega aos nossos mangues a qualidade de flora exclusivamente brasileira e informa que aquêle gênero, por exemplo, “vive desde o México, nas costas atlântica e pacífica”, sendo também encontrado na África e nas ilhas oceânicas. Outras espécies são indicadas, como componentes exóticos dos nossos mangais. Arremata A. J. DE SAMPAIO frisando que “os mangues do Brasil não são nem exclusivamente brasileiros, nem somente americanos”. Eis as outras espécies Halophilas componentes dos manguezais brasileiros: “Mangue branco ou “sereiba” (*Laguncularia recemosa* GAERTN); “mangue seriba” (*Avicennia* sp.) “mangue amarelo” (*Avicennia nitida* LINN); “mangue seriúba ou guaperu” (*Avicennia tomentosa*); “mangue da praia” (*Scoevola plumieri* LAMK); “mangue do brejo” (*Eugenia nitida*, D. C.); “mangue canoê” ou de “botão”, (*Terminalia aggregata*, da família das combretáceas; “mangue do pará” (*Cassipourea guianensis*, AUBL.), também conhecido por esse nome, vegeta no Pará outra espécie (*Cassipourea macrophylla*, D. C. e MART.); outras espécies comuns são as espécies *Avicennia tomentosa*; *Conocarpus erectus* JACQ; *Avicennia nitida*, JACQ.

PLÍNIO AIROSA, que comentou um capítulo da obra História Natural do Brasil, de JORGE MARCGRAVE (Amsterdão, 1648) traduzida e publicada por iniciativa do Museu Paulista (São Paulo, 1942), esclarece que os índios denominavam de “guapereíba” ao “mangue vermelho” estendendo tal denominação aos componentes da mesma família botânica, afirmando por outro lado, PEREIRA DA COSTA, em seu “Vocabulário Pernambucano”, (Vol. XXXIV da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, 1937), que os habitantes naturais da terra chamavam genericamente “os mangues” de “guapereíba” ou “guaparumbo”, atribuindo aos primeiros colonizadores, haver classificado de “mangue verde” e depois simplesmente “mangue” a toda essa formação botânica do nosso litoral, estendendo essa última denominação não só à planta, como também ao local onde ela viceja.

Colhemos ainda na citada obra de PEREIRA DA COSTA a informação de que ANCHIETA, em 1560, o primeiro a mencionar a “árvore do mangue”, descrevendo-a convenientemente. Não somente ANCHIETA mas ainda GABRIEL SOARES, MARCGRAVE, PISO, THEVET, FR. VICENTE DO SALVADOR e outros antigos observadores da terra brasileira, deixaram interessantes e, por vezes, curiosos depoimentos relativos aos “mangues”. Muitos desses fixaram a atenção no original aspecto que oferece a germinação multiforme do mangue, “cuja pontas” — no pitoresco dizer de GABRIEL SOARES “tornam para baixo com ramos muito lisos enquanto novos e direitos, e vêm assim crescendo para baixo até chegarem à maré; e como esta chega a eles logo criam outras, com o peso dos quais vêm obedecendo ao chão até que pegam dele e como pegam logo lançam ramos para cima, que vão crescendo muito desajeitados e lançam mil filhos ao longo d’água, que tem tão juntos que se afogam uns aos outros”. Esse o aspecto que mais impressionou a maioria dos antigos cronistas. Refere-se THEVET a “árvores carregadas de ostras cujos ramos e troncos os aborígenes costumam cortar quando a maré baixa para se suprirem de alimento”.

Existindo em quase toda a nossa extensa zona marítima, vicejando, com maior ou menor intensidade desde a altura de São Francisco do Sul, no litoral catarinense, até a costa marítima do extremo Norte (Amapá), constituem os manguezais na autorizada opinião de A. J. SAMPAIO, a associação mais notável daquela zona botânica. Variam suas formações de acordo com as condições locais, como acontece na costa maranhense onde, ao invés de outras regiões, os manguezais se exibem com tendência gregária ou exclusivista, em relação às três espécies ali existentes (*Rhizophora*, *Avicennia* e *Laguncularia*), pois, segundo FRÓIS ABREU, citado e apoiado por A. J. SAMPAIO, “onde se encontra um gênero não se encontra outro”.

A maior ocorrência, porém, de manguezais se estende do litoral do Espírito Santo até a costa maranhense, sendo que no Nordeste existem associações mais densas e

maiores. O major JOÃO DE MELO MORAIS, oferece em seu pouco divulgado, mas excelente trabalho Aspectos da Região Litorânea do Nordeste (Serviço Geográfico do Exército, Rio, 1948), a par do registo de outras observações, colhidas in loco, um capítulo sobre a distribuição geográfica do revestimento florístico de grande trato da costa nordestina.

Relativamente à costa marítima de Pernambuco calcula esse autor ser de cerca de 400 km² o seu revestimento florístico com elementos da flora psamófila e halófila, estando o mangue representado nessa última espécie. Observou MELO MORAIS que tal associação consegue se fixar até cerca de 20 km distante do mar, acompanhando a penetração da maré nos rios locais. Ali as áreas de mangues mais notáveis estendem-se na zona atingida pela maré nos rios Formoso, Ipojuca, Serinhaém, Capibaribe e Beberibe; no Igarauçu, Catuama e no Goiana. Assinala, ainda MELO MORAIS, que em Curimataú, no Rio Grande do Norte, encontrou à jusante da confluência do Piquiri, o mangue conhecido por "canoé", em estado arbóreo, pois atinge o mesmo cerca de 10 metros de altura. Na costa norte-río-grandense as principais ocorrências estão em Natal, Macau, Areia Branca e Curimataú, na várzea sob a ação dos rios Moçoró, Açu, Potengi e Curimataú.

Além de várias qualidades de peixes, na sua parte alagada, variadas espécies de crustáceos e de moluscos são encontradas nos "manguezais", bem como algumas aves, notadamente o pernalta, conhecido pelo nome de "socó", cuja denominação, no linguajar indígena, como corruptela de çoo-cô, se traduz por "ave que se sustenta, ou se ampara em um pé só". Também tem ali o seu habitat um pequenino mosquito de tamanho insignificante, vulgarmente conhecido pelo nome de "maruim", meru-i dos indígenas ou seja "mosquito de marca miúda". Quando não há vento, nas marés vivas, em certas fases da lua, os "maruins" deixam à noite os "mangues", para atacar a tudo e a todos, constituídos em grandes enxames; daí o registo de um antigo cronista que afirmou: "onde eles chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciência".

Os pescadores e apanhadores de caranguejos e os cavadores de ostras e mariscos, como também os moradores nas proximidades do mangue, passam momentos de inquietação, em face do ataque desses mosquitos, que só amenizam sua fúria diante de baforadas de fumaça de cigarro ou cachimbo, bem como de fogueiras acesas diante das casas. O seguinte registo de um velho órgão da imprensa diária do Recife, bem dá a justa medida de tal suplício: "à noite, na baixa-maré, os maruins saíram da lama dos mangues, invadindo a cidade, por Santo Amaro".

Os crustáceos existentes, em maior quantidade nos "mangais", são: o "caranguejo-uçá" que mora em esconderijo profundo cavado por ele, no solo lamacento; o "siri" comum, o "siri do mangue" e ainda o maior dessa espécie, o "siri capiba", pertencentes todos esses últimos ao gênero *Lupea* da ordem dos decapodos, comuns ao mar, à maré, às enseadas, às gamboas e às águas estagnadas dos "mangues"; o "aratu", pequena espécie de crustáceo que, tanto vive nas pedras dos arrecifes, como no mangue; o *guaimum* (*Cardesona guahumi* CUV.), crustáceo limpo e bonito, de cor azul muito nítida e bela que se localiza em buracos profundos nos terrenos situados nas margens e nas proximidades dos "mangais". O "guaimum" é a espécie mais valorizada dos crustáceos, presta-se à ceva doméstica acomodado em caixa de madeira que se denomina "caritô" onde se depositam restos de comida. Referindo-se a ele, Fr. VICENTE DO SALVADOR, emitiu o seguinte juízo: "Em terra, entre muitos há uns caranguejos de cor azul, chamados "goiamus", os quais em as primeiras águas do inverno, quando estão gordos e as fêmeas cheias de ovos, se saem das covas e se andam vagando pelas casas".

Verificamos mais a presença do "grauçá", espécie mestiça, pálido e ligeiro, de apresentação grosseira e, finalmente, o minúsculo "xié", esses dois últimos sem nenhum valor nutritivo ou econômico.

As espécies de moluscos encontradas em tais regiões são vulgarmente conhecidas por ostras e mariscos; aquelas encontram-se nas partes das raízes dos mangues e submersas na maré alta nas pedras dos arrecifes, e esses, de permeio com as areias lamacentas das "croas" ou "croas" da maré.

O aproveitamento econômico, dos "manguezais" já vinha sendo praticado pelos indígenas, quando aportaram ao Brasil os primeiros colonizadores. Agora o já citado testemunho de THEVET, todos os outros antigos viajantes e escritores que observaram a nossa nascente civilização, reportaram-se à exploração do mangue pelos índios. Acolhendo em seus domínios numerosa fauna propícia à alimentação, buscava a indiada, através da pesca, praticada de modo rudimentar e da "pega" de caranguejos, a satisfação de suas necessidades imediatas. Perduram, ainda, principalmente, na região nordestina, muitos elementos culturais perpetuando a ligação econômica dos naturais da terra com as áreas dos "mangais".

Dentre outros muitos desses elementos, registamos aqui os seguintes: o uso da prática da pesca, de certos instrumentos, tais sejam: o "arpão", o "puçá" "jererê" e a "jangada"; a utilização do cipó e da embira para amarrar os caranguejos em "fieira" ou em "cambada", bem como para confecção de cestos "samburá" e de covos e outros engenhos; o "marisco" de rapar côco, denominação essa proveniente do uso dos índios de rapar o côco com a concha de uma espécie de "marisco", grande molusco arredondado e por isso mesmo, chamado pelo nome de "marisco rapa-côco"; a prática de barragem nas "camboas", etc.

Alargando tal exploração os colonizadores portugueses passaram a aproveitar também os elementos vegetais. A esse respeito já GABRIEL SOARES registava, em 1587, os méritos da árvore do mangue que tem "madeira vermelha e rija de que se faz carvão, cuja casca é muito áspera e tem tal virtude que serve aos curtidores para curtir tôda sorte de pêlos, em lugar de sumagre, com o que fazem tão bom curtume como com êle".

Também os colonizadores portugueses conhecem a iniciativa de exploração mineral dos "mangais" com o aproveitamento da argila — "o barro com que se purga o açúcar" — na frase de ANTONIL, o qual "tira-se dos "apicus" que, como temos dito (quem o diz é ANTONIL) são as coroas que faz o mar entre si e a terra firme e as cobre a maré". Verifica-se ainda, através do relato desse autor que o barro dos "apicus" era largamente explorado na fabricação de fornos, telhas e tijolos, pelas olarias que, na maioria das vezes constituem dependências dos próprios engenhos, quando esses estendiam seus domínios a "apicus ou barreiro". O processo de purgação do açúcar com o barro dos "apicus" é largamente exposto em todo o capítulo V do livro Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas, com que aquêle erudito jesuíta enriqueceu a nossa bibliografia.

Sôbre o termo "apicus" ou "apicum" devemos esclarecer que é êle desconhecido em o Nordeste, principalmente em Pernambuco onde o mesmo é empregado para determinar "terreno composto de areia fina de mistura com pouca argila, impréstavel para o plantio de cana de açúcar", segundo regista PEREIRA DA COSTA. É comum ali expressão como essa: "o engenho de fulano produz pouco porque a parte das suas terras é composta de "apicum".

Informa SILVIO FRÓIS ABREU, que em todos os agrupamentos humanos junto à foz desses ou nos fundos das baías, desde o Espírito Santo até o extremo norte usa-se principalmente a lenha do mangue como combustível. Apesar da derrubada dos mangues, em grande escala, o que é aliás proibido, a proliferação dessas espécies de certo modo compensam a devastação dos manguezais. A espécie mais procurada é a do "mangue vermelho" (*Rhizophora mangle* L.), que dá um lenho rijo pesado, considerado boa lenha pelos consumidores. Além disso, pelo grande porte do mangue vermelho a colheita de lenha é mais farta e fácil. O "mangue branco" ou "seriba" só acidentalmente é explorado para lenha, pois, sua madeira fina e leve, é considerada combustível inferior ao daquela espécie.

São ainda de FRÓIS ABREU os dados que indicamos a seguir sôbre o aproveitamento dos manguezais como matéria-prima para o curtimento de couro. Acentua o mesmo técnico que a casca do "mangue vermelho" contém grande proporção de tanino e, por isso, é extraída dos indivíduos de grande porte e vendida para os curtumes do litoral, pois, no interior tem-se matéria-prima local nos angicos, nas aroeiras, no barbatimão e em outras espécies vegetais locais. No "mangue branco" ou "cana pouba" (*Laguncularia racemosa* GAERTN), a maior concentração do tanino está nas folhas, que são colhidas pelos cortadores nos mangues próximos aos curtumes, as quais têm de ser utilizadas logo para evitar a decomposição. As duas qualidades de mangue chamadas "siriba", "siriuba" ou "saraiba" ocupam o fundo dos manguezais, onde já é menos a influência da maré, ou onde o ambiente é menos salino. As árvores atingem grande porte e já não são procuradas pelos curtidores nem pelos tiradores de lenha.

Terminamos por indicar de modo geral, a distribuição geográfica dessa espécie dos nossos mangues, essas "esquisitas representações do mundo vegetal" de que nos fala A. W. SELLIN. As maiores formações de mangue no Brasil encontram-se em tôrno da baía de Paranaíba e Guaratuba, Iguape, Santos, Vitória, Caravelas, Canaveira, Belmonte, Ilhéus, Marau, Camamu, Santarém, Igraperuna, Valença, Santo Amaro, Jaguaribe, Aracaju, Macaíó, Recife, Cabedelo, Mamanguape, Natal, Tutóia, Araiozes, Parnaíba, Amarração, ilha de São Luís, seu contôrno interior, tôda a costa recortada desde Alcântara, no Maranhão até Viseu no Pará, Belém e recortes e estuários na costa da Guiana Brasileira.

CARLOS PEDROSA

